

PRELÚDIO E ELEGIA DE UMA DESPEDIDA

I

No seio dessa noite ouvi um choro prolongado.
Pareceu-me, a princípio, que era o vento
Agitando as árvores do jardim,
Ou que eram vozes distantes, em serenata;
Mas era um pranto, um pranto tão sentido,
Tão perfeito e derramado
Como se descesse das estrelas
Como se viesse das montanhas
Como se subisse da terra fria ou da noite das águas.

Mas, por que choravam?

Tão longe eu me sentia, tão lento e ilimitado
Descendo das vertigens, das vertentes solitárias
Para a planície estagnada, deserta e comovida,
Por uma noite sem mancha;
E então, de mim ou a mim somente
Por que sabida ou revelada essa modulação de dor?
Essa névoa de angústia esgarçada na altura?
Densa lamentação fugindo sobre o vento,
Talvez aspirações de surtos e renovos,
Desejos de acender nos céus infindos
Fanais de aurora.

Cresceram, cresceram as árvores da noite,
Subiram das cavernas, dos poços e das minas,
Sobre mortas raízes renasceram, sobre pétreas raízes
E as frondes elevaram além dos círculos celestes.

Em vão estendo as minhas mãos na treva
Para colher o fruto do contato imaturo,
Para alcançar a flor da exigente esperança,
Das primícias da forma o antecipado alcance
E do contorno exul a urgência da lembrança.
Em vão concentro o olhar nesse negro tecido
E busco distinguir as sombras disponíveis
Aos apelos do dia, aos êxtases da cor:

Variedades de escuro na imanência de azuis e de vermelhos,
A própria, a mesma, a lídima e pressaga substância
Que do opaco e do fecundo da amplidão telúrica
As flores trazem em suas mãos de pétalas.
Oh! Noite de terra vegetal, de húmus e de estrume!
Em vão! Por toda a parte o vulto da recusa,
O Avesso, o Detrás, o Por baixo, o De permeio,
Multidão de velados rostos, luz voltada.

Mas há germinação nesse tranqüilo seio de negrume,
Vegetação de pranto que ascende e se articula
Em palavras; e floresce e frutifica e amadurece.
Vozes em fim cantando; tarde finda da colheita;
Vozes depois fluindo entre paisagem e caminho.

É noite! É noite! e o sono vem sobre os telhados;
Uma tropa de cavalos campolinos
Em trajetória e agitação de caudas e de crinas
Batendo as patas surdas e macias;
É noite! É noite! e o sono vem sobre os telhados.

Que linguagem há de vir desse pranto perfeito e derramado
Nessa noite das noites, nessa noite sem mancha?
Noite fecunda de gravitações e metamorfoses,

De palavras repercutindo em prelúdio e despedida,
De números comprimidos entre Ínfimo e Supremo,
De música infreqüente, inconforme, nutrida
Na síncopa e no soluço de vozes infantis.

II

No seio dessa noite de turfa e de antracito
O fogo sempre a abrir em súbitas corolas
Das luzes minerais as dalias amarelas;
As dalias dos jardins de adormecidas anilinas. . .

Mas de tudo e de mim prossegue essa agonia
Em que procuro ouvir, em que busco saber
Da imensa Queda universal

– e os anjos dessa Queda?

No mundo provocando as ondas luminosas!
Eis a face sem brilho, eis a boca em silêncio
Eis o vulto sem forma, eis a forma em tumulto,
Eis o pranto a escorrer dentre as fendas noturnas,
Eis a noite – o que é bem noite e o que é mais noite –
a noite. . .
a noite. . .

A noite é o negro diamante, o carbonado
Abrindo no cristal as praias estelares.
E lâmpada de Korf, suspensa dos abismos,
Rompe os muros do dia, apaga o rastro da morte
E de dentro da luz os náufragos retira
Como seres sepultos em profundos espelhos.
Livre expansão do olhar sobre o dia hemisférico
Exercício dos ciclos na grande feira celeste:

Ciclo das estrelas

– moscas de Azul, de Branco e de Vermelho – contra
[a vidraça.

Ciclo das águas

– sempre as mesmas, sempre as mesmas –

Onde nascem, onde morrem peixes sempre outros.

Ciclo das estações abafando em folhagens o coração dos homens!

Ah! ciclo do sangue nas artérias dos amantes!

Ciclo da matéria frágil, severa e obstinada!

Matéria do mundo grande,

Rosa de quatro elementos,

Rajada de quatro ventos,

Quatro cães que estão ladrando,

Quatro nuvens derramando

Água, fogo, terra e ar.

Ciclo – o que é dado logo após de possuído

– e apenas provado é devolvido.

Ciclo – ilusão do regresso!

Se a noite é total e completa, por que não nos revela o mistério?

Por que não nos integra na sua amplidão libertária?

Inutilmente deixamos os nossos rastros, inutilmente cortamos

[na rocha os nossos nomes

Como se marcássemos na argila do tempo as nossas pegadas

Como se inscrevêssemos na cortiça da noite as curvas de nosso

[grito.

Sobre dínamos, turbinas e locomotivas

A inércia-primavera irromperá de novo

E uma seiva nascerá do sangue e da saliva,
Da lágrima e do leite materno,
De mel, de suor e de vinho;
Primavera onde eternamente vibrará, de nós, a ausência e o vazio.

Pois esse choro noturno e prolongado
Das estrelas – como se descesse
Da terra fria – como se subisse
E, por si mesmo, como se chorasse,
Não dará linguagem.

III

É preciso partir enquanto é noite,
Enquanto é aspiração de absoluto.
É preciso voar no vórtice das lendas, das histórias antigas.
Viajar, circular, além das águas, além do ar.

Do ar – plâncton do espaço, alimento das asas.
– casulo da luz – crisálida.

A treva que desvenda e que liberta
Com seu poder noturno a pulsação não doma
Dos planetas escuros na mais densa matéria nuclear,
Nem a noite maior das negras nebulosas.

Se as coisas do mundo se encadeiam e implacáveis gravitam
Do calor das estrelas ao pesado frio derradeiro,
Por que há na infância uma doçura simples e primeva?
E as cores espectrais por que se alongam
Em ruivo e moreno, em zaino e rosilho,
E na explosão reside o acontecimento de uma flor?

Água, água de chuva

– presença unânime da Queda –

Aura da esperança; sombra do castigo;

Água pesada, água de chincho

– Água da chuva –

Chuva! Cabelos brancos, cabelos frios

Dessa noite velha, dessa noite fria

Que me apaga a vista, que me extingue a voz.

Chuva em que vou com a alma embuçada

E o coração molhado e vazio.

Ouço os teus passos ligeiros de fantasma,

O teu fragor funesto, o teu rumor sombrio

Chuva da eterna morte!

Se é impossível voltar e possível não é perdurar

Na hora intensa da espera, no espaço da demora,

É partir!

É partir e partir para o fim das memórias. . .

Arcturus, Antares, Altair! Capitâneas

Dessa navegação taciturna e para sempre

E para além da verdade e grandeza da vida.

É partir e partir para o fim das idades. . .

Já a eterna luz com os seus dedos de rosa

Estende o azul do dia;

É partir e partir para além da saudade.

Das vinhas de orvalho instante da vindima,

Meandros matinais de frondes vaporosas

E os galos proclamando de próximo a longínquo,

Nas úmidas distâncias, o canto da aventura.

Rio, 1952